

10. Deutscher Lusitanistentag  
X Congresso Alemão de Lusitanistas

**M i g r a t i o n u n d E x i l**  
**M i g r a ç ã o e e x í l i o**

**Sektion 12 || Secção 12:**

**Sprachen und Kulturen im Kontakt: Reise, Migration und Übersetzung ||  
Línguas e culturas em contacto: viagens, migrações, traduções**

**(Susana Kampff Lages/Johannes Kretschmer/Monica Savedra, UFF Niteroi)**

---

**Abstracts/Resumos**

**Marcos Bagno (Universidade de Brasília)**

**Genocídio, migração forçada e contato linguístico na formação do português brasileiro**

O português brasileiro é uma língua resultante dos intensos contatos linguísticos ocorridos durante o longo período colonial (1500-1822). Minoritário durante pelo menos dois séculos e meio, o português era empregado por uma reduzida camada social composta basicamente de homens oriundos da Europa para a administração e a catequização religiosa da Colônia. Nos primeiros tempos, esses homens se uniram às mulheres indígenas, o que resultou num importante monolinguismo dos filhos mestiços, que falavam essencialmente a língua da mãe. Com o genocídio dos índios e a subsequente transferência de milhões de negros africanos sequestrados de seu continente natal para exercer o trabalho escravo em terras brasileiras, o português aprendido de forma assistemática por esse enorme contingente foi se moldando até constituir a principal base das características fonéticas e gramaticais da atual língua majoritária dos brasileiros. No entanto, pela manutenção das estruturas ideológicas coloniais mesmo depois da Independência, o poderoso legado africano à língua e, de modo mais amplo, à cultura brasileira continua sendo negligenciado, até mesmo por muitos estudiosos empenhados nos estudos linguísticos e na formação da nossa sociedade.

Palavras-chave: português brasileiro, genocídio, Lingüística

**Rosana Kohl Bines (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)**

**A errância “suja” da escrita de Samuel Rawet**

A situação de viver e de escrever entre línguas, prerrogativa de escritores imigrantes, é frequentemente utilizada como modelo crítico e combativo de discursos nacionalistas, ancorados em uma correspondência unívoca entre língua, pátria e raça. A desarticulação entre estes três pilares da narrativa nacionalista desponta como imperativo ético face às

barbáries contemporâneas que aniquilaram milhões em nome de ideais de pureza étnica e linguística. Neste contexto, os processos de tradução cultural que estão implicados na experiência de escritores forçosamente deslocados de sua terra natal, produzindo em solo alheio, em uma língua que não a materna ganham relevo no pensamento crítico contemporâneo, empenhado em articular alternativas teóricas aos regimes autoritários do discurso e da nação. O presente trabalho problematiza certa inflação teórica da condição poliglota e deslocada, proclamada como virtude, ganho cultural e antídoto crítico, e discute o potencial mistificador de formulações grandiloquentes acerca da errância como operador conceitual abstrato. Tais questões serão debatidas à luz da obra conturbada de Samuel Rawet, escritor judeu-brasileiro, oriundo da Polônia e falante do iídiche, para quem as tensões da vida itinerante foram encenadas como embates dilacerados com a língua portuguesa em contexto específico, a ser elucidado. A complexidade "suja" da escrita rawetiana será uma estratégia de interrogação de abordagens purificadas e excessivamente positivadas da situação de errância entre línguas.

Palavras-chave: escrita migrante - exílio - errância entre línguas - Samuel Rawet

### **Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR/CAPES/Uni Mainz)**

#### **Tradução, o limiar: relação e a questão da liminaridade como lugar**

Explorando uma via teórica de reflexão no âmbito deste Simpósio, dedicado a refletir sobre a tradução como uma importante forma de manifestação do contato entre línguas e culturas, o movimento que se pretende realizar aqui concentra seu foco de atenção mais na problematização dos pressupostos sobre os quais se fundam a ideia de contato, do que nos objetos de língua e cultura comumente articulados por essa forma de relação. Nessa perspectiva, a questão a ser circunscrita e discutida no trabalho que ai se apresenta é a da natureza liminar dessa forma de contato a que chamamos tradução.

Em seu artigo "A tradução: no limiar" (*Alea* 14/1, 2012), o pesquisador Alexis Nouss se propõe a repensar a compreensão da tradução como transferência - noção que, para ele, deveria ser enquadrada numa espécie de paradigma da tradução como passagem. Para tanto, parte de uma proposta de compreensão da tradução como "experiência do limiar" (*expérience du seuil*), que, para o autor, representaria uma possibilidade promissora de rompimento com a forma de pensar do primeiro paradigma (tradução como transferência), especialmente na medida em que sua compreensão da ideia de liminaridade não pressuporia a expectativa de uma transcendência ideal (mas irrealizável) do original na tradução, nem acarretaria a culpa fundada na promessa (sempre impagável) da transferência ideal.

No entanto, a despeito de relativizar a acepção mais estática do termo limiar em francês (*seuil*), incorporando à discussão o caráter dinâmico de suas contrapartes em inglês (*threshold*) e em alemão (*Schwelle*), sua reflexão não parece conseguir fugir de um dimensionamento espacial dessa liminaridade, i.e., de uma compreensão do limiar como lugar, como instância que o autor dimensiona espacialmente - algo que já se evidencia no próprio título de seu artigo ("A tradução: no limiar"), em que o limiar figura como um "onde" em que se inscreve a tradução.

Com isso, ainda que consiga se distanciar de uma acepção mais "processual" da noção de passagem (que fundaria a ideia de tradução como transporte, como passagem de um

lado para o outro), bem como de seu sentido mais teleológico, no horizonte de um “produto da passagem” (que fundaria a ideia de tradução como o resultado desse transporte), a noção de liminaridade que Nouss delinea não consegue romper, de fato, com uma aceção, digamos, “local” da própria noção de passagem (em seu sentido físico, arquitetônico), já que, como o próprio autor o define, o limiar seria “um lugar de passagem”.

Partindo assim da discussão das noções de passagem e limiar nos termos propostos por Nouss – que entendemos aqui como uma forma de problematização da natureza do contato implicado em toda relação tradutória –, este trabalho tem por objetivo discutir as implicações de um dimensionamento espacial da noção de liminaridade para um pensamento contemporâneo sobre a tradução.

Palavras-chave: tradução, relação, liminaridade

### **Elcio Loureiro Cornelsen (Universidade Federal de Minas Gerais)**

#### **“Franz Biberkopf está de volta!” Berlin Alexanderplatz e suas traduções em língua portuguesa**

Nossa contribuição destina-se a uma análise comparada entre o romance *Berlin Alexanderplatz. Die Geschichte vom Franz Biberkopf* (1929), do escritor alemão Alfred Döblin, a sua tradução portuguesa, de autoria de Sara Seruya e Teresa Seruya e publicada em 1992 pela editora Dom Quixote, e suas traduções brasileiras, de Lya Luft, publicada em 1995 pela editora Rocco e, respectivamente, de Irene Aron, publicada pela editora Martins em 2009, ano em que a obra-prima de Döblin completou oitenta anos. Nosso objetivo é possibilitar a reflexão sobre questões estilísticas e tradutológicas, principalmente no que concerne à possibilidade de reprodução do princípio estilístico de montagem e colagem, no qual se baseia o romance de Döblin.

Cabe lembrar que tal princípio estilístico adotado na escritura do romance *Berlin Alexanderplatz* exige do tradutor uma grande versatilidade tradutológica, pois encerra em si textos provenientes das mais diversas áreas: trechos de relatórios da Bolsa de Valores, de publicações oficiais, de anúncios e de artigos de jornal, de cartazes publicitários, de prospectos industriais, de textos estatísticos, de noticiário sobre fatos de época, de canções populares e marciais, de previsões do tempo, de processos jurídicos, de cartas, de textos literários e bíblicos etc. Consequentemente, tal estilo exige do tradutor uma tradução “não-linear”, ou seja, o tradutor vê-se desafiado a reproduzir a diferenciação entre o plano de ação, no qual se desenrola a história do protagonista Franz Biberkopf, e os demais planos que o entrecortam, como p. ex. o mítico-religioso, composto tanto por figuras alegóricas, quanto por inúmeras citações e paráfrases bíblicas.

Portanto, cabe-nos examinar as opções que as tradutoras de *Berlin Alexanderplatz* em Portugal e, respectivamente, no Brasil encontraram a partir de suas leituras pessoais do romance, a fim de reproduzir o estilo empregado por Döblin no ato de criação. Sem dúvida, *Berlin Alexanderplatz* impõe uma série de desafios aos tradutores: a descontinuidade decorrente do princípio estilístico da montagem e colagem; a diversificação de tipos (canção, itinerário de bonde, boletim meteorológico, Bíblia, romance, matéria de jornal etc.) e gêneros discursivos (discurso político, discurso religioso, discurso literário etc.); o fato de se tratar de um romance “aqui-e-agora”, o que

gera dificuldade na identificação de certos eventos históricos, canções de época, obra de literatura e passagens bíblicas citadas etc.; o dialeto berlinense (no romance, até a figura alegórica da Morte fala o dialeto da cidade).

Todavia, para nossas considerações sobre as traduções de *Berlin Alexanderplatz*, devemos lembrar que tradução é escolha. O tradutor é um “re-poetizador”, como diria Walter Benjamin, ou mesmo um “leitor-escritor”, como aponta Henri Meschonnic. E a tradução, como nos lembra Haroldo de Campos, é “transcrição ou transtextualização desmistificada”.

Palavras-chave: *Berlin Alexanderplatz*; Alfred Döblin; tradução; transcrição; montagem e colagem.

### **Johannes Kretschmer (Universidade Federal Fluminense)**

#### **Hans Elsas, um caso-limite da tradução cultural**

A obra de Hans Elsas (1894-1986) ainda é pouco estudada. Elsas estudou Direito e Filologia Românica, escolhendo primeiro a profissão de advogado. Na Alemanha dos anos 20 e 30 Elsas aliás Helmut Gaupp-Turgis se tornou um escritor bem-sucedido, conhecido principalmente por seu romance *Der Biedermann*. Forçado a emigrar em 1936, conseguiu exilar-se no Brasil, ancorando em São Paulo como Rosenfeld ou Flusser. Lecionou latim e grego na Faculdade de Assis. Publicou manuais didáticos e acadêmicos em português e continuou escrevendo romances e contos em alemão, na esperança de ser novamente editado na Alemanha. Elsas morreu em Niterói. Não se conhece o destino de sua biblioteca, dos manuscritos e do arquivo com o material da pesquisa sobre cultura popular que realizara em São Paulo e que estimulou a concepção dos livros escritos no Brasil (*Os filhos de Tamango, Calango, etc.*).

A exemplo de boa parte dos escritores exilados, Elsas assinou seus textos com um novo pseudônimo, desde 1936. Mas ele manteve o pseudônimo “José Antonio Benton” mesmo quando lançou seus livros na Alemanha pós-guerra - como se fosse *outro* autor. O nosso estudo parte deste fenômeno intrigante e analisa a fase brasileira da produção literária de Elsas / Benton no contexto de uma reflexão sobre processos de tradução cultural.

Palavras-chave: exílio - tradução cultural - José Antonio Benton

### **Susana Kampff Lages (Universidade Federal Fluminense)**

#### **Traduzir o eu. Reflexões para uma tradução dos Diários de viagem e os Diários de Franz Kafka para o português do Brasil**

A comunicação proposta resulta de reflexões iniciais no âmbito de novo projeto de pesquisa e pretende estabelecer as bases para uma reflexão sobre os elementos a balizar a tradução da obra kafkiana e a reflexão sobre esse processo. Pretende-se estabelecer alguns pressupostos para uma leitura da obra de Kafka que forneçam subsídios à futura tradução de sua obra diarística e propor, a partir dessa prática, uma nova reflexão sobre a tradução de obras literárias, em particular, daquelas que se inserem na tradição da modernidade e mesmo da pós-modernidade.

Partimos aqui de alguns pressupostos fundamentais a respeito da teoria e da prática tradutória, por um lado, e por outro, de alguns aspectos de nossa própria interpretação

---

da obra kafkiana, quais sejam: 1) a tradução do texto literário tem de estar ancorada em uma interpretação “forte” da obra traduzida; 2) não é possível separar nitidamente “obra ficcional” e “obra autobiográfica” de Kafka sem prejuízo para uma compreensão mais nuançada de sua obra; 3) qualquer obra literária pode ser traduzida a contento por vários tradutores numa mesma época ou em diferentes épocas; 4) tradutores necessariamente desempenham o papel de duplo(s) do autor; 5) nem autores nem tradutores possuem uma identidade pessoal e/ou literária perfeitamente uniforme, una. Por uma série de particularidades de sua escrita, a obra de Kafka torna necessária uma reflexão sobre o processo tradutório como permanente busca e questionamento de identidades autorais e pessoais por meio e no seio da própria escrita. Sobretudo por seu inacabamento essencial, mas também pela particular relação de seu autor com a própria língua, a fragmentária obra de Franz Kafka dá testemunho dessa permanente busca por uma identidade, moldada no interior do processo mesmo da escrita literária. Essa busca por definir os contornos de um ‘eu’, simultaneamente estranho e familiar, perpassa e determina toda a obra kafkiana, uma obra da qual fazem parte um conjunto volumoso de textos de caráter autobiográfico, como os diários e todo o seu extenso e emblemático epistolário, a ladear e por vezes penetrar as demais obras com caráter mais explicitamente ficcional. Pode-se dizer que toda a obra kafkiana se nutre do desejo de fazer coincidir vida e literatura no momento mesmo em que ambas se cruzam - ao escrever. Acolher essas tensões subjetivas kafkianas é uma das principais tarefas a serem realizadas na tradução de seus *Diários* para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Kafka - Diários - identidade - escrita - tradução

### **Andrea Giuseppe Lombardi (Universidade Federal do Rio de Janeiro)**

#### **Um exílio na linguagem. Emilio Villa e Isaac Luria**

Emilio Villa (1916-2003), poeta, crítico, artista e tradutor italiano, declara seu “ódio” em relação ao italiano e a necessidade da “conquista da liberdade do mundo”, o que passa pela “rejeição” da língua materna. Villa passou no Brasil uma temporada curta mas significativa (entre 1950 e 1951). Seu verdadeiro exílio pode ser considerado um evento da língua ou *na* língua, que o leva ao uso de um multilinguismo exacerbado, em que latim *macarrônico*, inglês, francês, dialetos variados e, finalmente, uma língua portuguesa por ele “descoberta”, representam seu alicerce. A autonomia radical da linguagem mostra ser algo conatural à própria linguagem, entendida como escrita alfabética. Não mais ligada à sua suposta origem oral, mas completamente autônoma, a linguagem escrita teria uma própria história, seus próprios efeitos, suas energia e alcance. Nesse sentido, a poética de Villa se aproximaria à teoria do exílio de Isaac Luria (1534-1572), que afirma também a independência da língua em sua relação com “mundo”: um exílio radical do homem no mundo, de sua linguagem e, por fim, um exílio até de Deus. Desde a *Gramatologia* de Jacques Derrida conhecemos os limites da visão “logocêntrica” da linguagem, fundamentada por Platão no *Fedro* e continuamos a lidar com a condenação da escrita ali enunciada.

O mito da escrita da tradição judaica, embora determinante por fundar as três grandes religiões monoteístas da tradição ocidental, tem sido menos valorizado. No livro do *Êxodo* a escrita entra duas vezes em cena, em momentos cruciais: na revelação do (novo) nome de Deus a Moisés e articulação desse nome (Êx. 3,14) e no Monte Sinai (Êx,

19-32), que sanciona a revelação pública do novo Deus e a consagração da liderança mosaica. Trata-se de um mito da origem que credita à escrita alfabética características pujantes: seu caráter mágico e transformador, seu aspecto público e, portanto, democrático e uma nova articulação dos tempos e, particularmente, do futuro.

Em “A cicatriz de Ulisses” (*Mímesis*), Erich Auerbach mostra o convívio dessas duas formas opostas de escrita literária, remetendo à relação entre oralidade e escrita, ao caráter limitado ou infinito da interpretação e finalmente ao próprio mito da origem da escrita (respectivamente no *Fedro* e no *Êxodo*). Como retomada de sua tradução de tabuletas mesopotâmicas e fragmentos fenícios, a tradução do *Gênese* empreendida por Villa, torna-se também uma indagação poética sobre a dupla origem da tradição ocidental, reafirmando também a independência e o poder da língua. Tornar mais explícito esse conflito de interpretações talvez possa constituir uma forma *após Auschwitz* de pensar a crítica literária.

Palavras-chave: exílio - Emilio Villa - origem - escrita

### **Renata Mancini - (SeDi/Universidade Federal Fluminense)**

#### **Tradução intersemiótica: a escrita em quadrinhos**

Tomando a temática da “Migração e Exílio” como elemento de organização de um corpus diversificado de obras literárias e jornalísticas adaptadas para HQs, este trabalho propõe algumas reflexões formais sobre as questões subjacentes a este fazer, entendido aqui como um exercício de tradução intersemiótica. Isto porque o embasamento semiótico que perpassa as discussões aqui apresentadas está pautado no entendimento de que em qualquer texto há um projeto enunciativo original, um conjunto de estratégias para criar *efeitos de sentido* de que se vale o enunciador para estabelecer um diálogo com seu leitor/espectador. No caso de uma tradução intersemiótica, esses efeitos originais devem ser recriados sob as novas coerções da linguagem de destino. Em linha com noções consagradas de teóricos da tradução basilares, como O. Paes, para quem o ideal da tradução poética consiste em “produzir com meios diferentes efeitos análogos” ou W. Benjamin que aponta que a “tradução é o primeiro lugar da forma”, propomos alguns parâmetros de análise para as traduções entre as linguagens aqui analisadas (linguagens literária, jornalística e dos quadrinhos), a partir do cotejo e exemplificação de soluções encontradas pelos enunciadores das obras adaptadas para a manutenção (ou não) dos efeitos originais. Assim, elencamos: 1) *parâmetros discursivos* - manutenção ou não das linhas temático-figurativas (caracterização semântica dos personagens e do espaço e tempo), assim como estabelecimento do jogo de vozes e manutenção ou subversão de hierarquias temporais; 2) *parâmetros narrativos* - as tensões e transformações propostas e a manutenção ou subversão das hierarquias entre programas narrativos; 3) *parâmetros sensoriais* - o ritmo de leitura, a construção ou subversão das saliências perceptivas, a gestão da surpresa e do conforto. As obras tomadas para análise das questões formais acima descritas dizem respeito a autores que tratam da temática “Migração e Exílio” seja pelo prisma das tensões e deslocamentos culturais inerentes ao contato étnico e/ou à vivência de realidades sociais híbridas, como Alcântara Machado e Joe Sacco, seja pelo prisma das construções das identidades individuais e sociais, assim como a idealização/desconstrução do outro como Augusto dos Anjos, Machado de Assis e Kafka.

---

Palavras-chave: tradução intersemiótica - quadrinhos - efeitos de sentido

### **Luiz Barros Montez (Universidade Federal do Rio de Janeiro)**

#### **Práticas tradutórias e validade historiográfica. Algumas questões trazidas pela tradução de relatos de viajantes europeus no Rio de Janeiro oitocentista.**

As narrativas de viagem configuram em seu conjunto um gênero discursivo próprio, ainda que possam apresentar fisionomias textuais variadas. Estas variedades manifestam precisamente circunstâncias discursivas diferenciadas, e possuem implicações semânticas relevantes em termos historiográficos. O fazer tradutório que tem como objeto estas modalidades de texto impõe a necessidade de uma teoria que dê conta de cada relato de viagem simultaneamente como manifestação de uma subjetividade específica e como discurso de veracidade. Com vistas a isso, este fazer impõe o exame desses relatos em termos não só e exclusivamente textuais, mas também como agenciamento ético de natureza política, isto é, passível de apreensão como evento histórico e, portanto, ele próprio objeto historiográfico específico. Com base em paradigmas mais recentes propostos pelo campo do chamada "Análise do Discurso Crítica", que circunscrevem os discursos como vértices que se situam no limite entre o fazer textual e o fazer político, isto é, que configuram práticas humanas que simultaneamente representam, agem e constituem identidades, propomos algumas reflexões sobre o processo tradutório de narrativas de viagens em termos de suas implicações no campo da historiografia. Ao ultrapassar o entendimento dos relatos como objetos discursivos que se esgotam em seus limites textuais, a própria prática tradutória deixa de sancionar pura e simplesmente o documento como base material estável que sanciona de modo cabal a verdade histórica. Como resultado disso, sugerimos que a atividade de tradução de relatos de viagens tem como uma de suas implicações o deslocamento de algumas funções básicas atribuídas à história e sua escrita. Ilustramos a comunicação com alguns exemplos concretos que encontramos durante traduções recentes de relatos de viajantes alemães no Rio de Janeiro oitocentista.

Palavras-chave: viajantes alemães - discurso - historiografia - tradução

### **Dr. Heike Muranyi (DAAD/Universidade de Minas Gerais)**

#### **Max Bense und Brasilien**

Max Bense, dessen intellektuelle Interessen und akademische Wirkungsfelder so heterogen sind, dass es schwer fällt, ihn 'nur' als Wissenschaftstheoretiker, Philosophen und/oder Semiotiker zu etikettieren, hat in der deutschsprachigen Romanistik bislang wenig Beachtung gefunden. Dabei ist Bense aus dem deutsch-brasilianischen kulturellen Beziehungsgeflecht nicht wegzudenken. Benses Beteiligung am internationalen Netzwerk der konkreten Kunst, welche ihn zum ersten Mal mit Brasilien in Berührung bringt, ist von enormer Wichtigkeit für die Avantgardebewegungen auf beiden Seiten des Atlantiks und ihren Kontakt miteinander. Der Austausch und die Zusammenarbeit Benses mit den 'Köpfen' der *Poesia concreta*, Décio Pignatari und den Brüdern Augusto und Haroldo de Campos sind hierfür maßgebend. Daneben ist es vor allem Benses *Brasilianische*

*Intelligenz. Eine cartesianische Reflexion* von 1965, welches ein äusserst interessantes und innovatives Dokument einer Annäherung an Brasilien darstellt: Kein Reisebericht, keine auf Zuschreibungen beruhende Beschreibung wie im Falle der von Bense am Rande kritisierten *Atlantischen Fahrt* von Ernst Jünger, sondern der Versuch einer ästhetischen *Erfahrung* eines Landes auf der Grundlage einer Betrachtung seiner intellektuellen Bewegungen, seiner Kunst und Architektur. Insbesondere die zum Zeitpunkt von Benses erstem Besuch in Brasilien gerade fertiggestellte neue Hauptstadt Brasília wird zum Gegenstand seiner Beobachtungen und dabei zum Ausgangspunkt eines Konzepts brasilianischer Intelligenz. Sowohl als Autor der in dem genannten Band zusammengetragenen Aufzeichnungen als auch als Protagonist und Mitinitiator der Transferbeziehungen zwischen den *Noigandres* und den Vertretern der Stuttgarter Schule wirkt Bense als Vermittler, der sich zwischen zwei Denk- und Sprachräumen bewegt und diese dabei in Beziehung zueinander setzt. Die in beiden Momenten enthaltene Übersetzungsleistung wird im Sektionsbeitrag einer genaueren Untersuchung unterzogen. Primäres Ziel dabei ist es, den Modi und Merkmalen des reziproken Einfluss- und Wirkungsverhältnisses zwischen den genannten Gruppen nachzugehen, daneben aber auch solche Momente aufzuzeigen, an denen eine Übersetzung zwischen Bense und Brasilien an ihre Grenzen gerät.

Palavras-chave: konkrete Poesie - kultureller Transfer - ästhetische Erfahrung

**Daniela Neves (Leitora/ Universidade de Budapeste)**

**Murilo Mendes, tradutor da cultura na poesia**

Murilo Mendes, poeta modernista, hoje considerado um dos pilares da poesia brasileira, passou por um longo período de esquecimento no Brasil, pelo tempo que viveu na Itália: quase vinte anos. Escapava da ditadura militar, já que se dizia avesso aos sistemas limitantes da imaginação e do humano. Buscava sondar em profundidade as teorias e hipóteses que circulavam no século XX, em profusão eclética. Participava dos mundos das artes, da música, da filosofia, da literatura, mas os traduzia em versos intensamente imagéticos, ou em prosa poética, de dialética efusiva em seu olhar questionador.

Escreveu em português, francês e italiano. Traduziu a cultura brasileira como poeta e como professor em Roma em um plurilinguismo idiomático, filosófico, ideológico e literário. Foi um dos escritores que mais dialogou com a cultura mundial e a representou em sua maneira inovadora, em uma tradução poética intensa e multicultural.

Concluiu seu legado literário com a obra *Ipotesi*, escrita em italiano, que obteve o reconhecimento da "Europa literária", como figura também na revista italiana que traz este mesmo nome. Na obra *Ipotesi*, Murilo despertou as curiosas relações e choques culturais que vivenciou em sua trajetória e expressou a impossibilidade de traduzir em certezas a experiência humana.

Esta comunicação pretende, portanto, acompanhar e questionar com o poeta esse processo instigante de sua experiência literária, refletindo sobre a tradução da cultura e da arte em seus múltiplos caminhos poéticos, em grande parte afastado de sua cultura original e em idioma estrangeiro.

Palavras-chave: Murilo Mendes – cultura brasileira – poesia –

---



### **Paulo Xavier Oliveira (Universidade Estadual de Campinas)**

#### **Faz sentido distinguir entre o subjetivo e o normativo na tradução?**

Tradicionalmente abordada sob perspectivas quase excludentes no âmbito de disciplinas como Estudos Literários e Linguística, a tradução passou a disputar espaço acadêmico próprio a partir dos anos 80 do século passa-o. Em sua constituição como campo interdisciplinar de escopo específico, os Estudos da Tradução deram lugar a vários debates de fundo, nos quais pesquisadores brasileiros tiveram por vezes participação destacada, a exemplo do questionamento de dicotomias tradicionais como as que envolvem o papel do tradutor e diferentes gêneros textuais, na visão desconstrutivista de Rosemary Arrojo e alunos. Embora convergentes no abandono da crença na possibilidade de uma tradução “neutra” e “objetiva”, as abordagens dos alunos de Arrojo divergem em diferentes aspectos, como o grau de comprometimento com o pós-estruturalismo, a permeabilidade às premissas de outras vertentes teóricas e sobretudo a ênfase dada ao sujeito ou ao contexto. Em sua análise das contribuições desse grupo de pesquisadores, discutindo os trabalhos de Cristina Rodrigues, Maria Paula Frota e Paulo Oliveira, Celso Cruz (2012: 176-177) aponta alguns pontos de divergência, registrando, dentre outros: “De Frota a Oliveira, varia o modo como se concebe a interferência do sujeito na construção do objeto, (...) a tradução”, sendo que “a reflexão pós-estruturalista de Frota (...) acompanhada das noções psicanalíticas de Freud e Lacan, leva o foco a incidir sobre a ação individual do sujeito na construção do sentido; e a reflexão pragmática de Oliveira, amparada pela filosofia da linguagem do segundo Wittgenstein (...) chama a atenção para a situação de produção e circulação do sentido”. Enfatizar diferenças dessa natureza torna-se importante diante de aproximações apressadas da terapia conceitual wittgensteiniana, como as que a assimilam à desconstrução ou reduzem o questionamento do conceito tradicional de objetividade a um primado subjetivista. A comunicação visa apontar para o caráter normativo de toda tradução enquanto percepção de aspectos do original e construção de novos objetos de comparação, mobilizando para isso conceitos seminais do Wittgenstein tardio que permitem escapar do essencialismo da tradição sem enveredar pela via do foco privilegiado na subjetividade, seja do autor ou tradutor. Num certo sentido, trata-se de retomar a clássica distinção entre a interpretação psicológica e a gramatical, tal como concebida na Alemanha por Schleiermacher e aprofundada na tradição hermenêutica subsequente (Gadamer, Ricoeur), aplicando-a ao campo da atividade tradutória em si, com vistas a formular uma teoria ou epistemologia do traduzir informada por uma concepção wittgensteiniana de linguagem. Como síntese e fio condutor, será tomado um excerto de poema de Manoel de Barros, em cotejo com um aforismo das *Investigações Filosóficas*.

Palavras chave: teoria da tradução no Brasil; normatividade; Wittgenstein

### **Kathrin H. Rosenfield (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)**

#### **A experiência luso-brasileira e rosiana do trágico**

Desde o início de sua carreira, J.G. Rosa teve que se defender do rótulo pejorativo do

---

“regionalismo”. Ele procurou distanciar-se do estigma *Heimatliteratur* ao sublinhar, sempre de novo, a afinidade de sua ficção com a atemporalidade dos “livros sagrados”, com o “sentido trágico da vida” e com o fundo metafísico que caracteriza os clássicos. Estas referências não se reduzem a um gesto meramente defensivo. Trata-se de ressaltar, ao contrário, o impulso criativo e inovador desta recuperação do trágico e do sagrado. Ele introduz na literatura brasileira – *in extremis* – a densidade reflexiva dos paradoxos poéticos (trágicos), e isto, embora a tradição luso-brasileira seja bastante avessa a esta poética (predominantemente germânica e clássica).

Apegada a um movimento de pêndulo entre o lírico, o cômico e o realismo (ora prático, ora engajado), a cultura luso-brasileira está historicamente à margem da tradição trágica, para não dizer que ela a ignore totalmente. Rosa, entretanto, combina os pendores dominantes (lírico, cômico e realista), criando mediações singulares entre gêneros e estilos heterogêneos. Romance e lenda, lirismo e dramaticidade se confundem na pseudo-oralidade de seus “contos críticos”.

O adjetivo “críticos” sublinha a forma peculiar do pensamento que caracteriza a poesia trágica: um pensamento que, na expressão de Nietzsche, “é profundo porque aceita manter-se na superfície”. E, de fato, Rosa transcende os estereótipos sentimentais da poesia brasileira, do regionalismo e do misticismo de fachada recolocando Deus e o demônio, amor e morte, a saudade e a tristeza no chão firme das criaturas e das coisas concretas. Ele permanece porque mostrou o caminho de olhar melhor e de deixar um olhar sensível e preciso guiar o pensamento.

A concretude trágica de Grande Sertão: Veredas revela não somente a essência coisal – o espírito das tutaméias – da cultura brasileira (pré 1968) mas oferece também uma via de acesso singularmente proveitosa para a re-descoberta das facetas mais secretas da poesia trágica grega. Como os enredos trágicos, as tramas rosianas estão voltadas para o paradoxo: o “é e não é”, a afirmação e a negação do “demônio”, do fundo demoníaco da existência humana ou – melhor – do “maravilhoso-e-terrível” que acompanha as ações humanas: o *deinos* daimônico, no sentido grego da palavra que Rosa capta na imagem da “matéria vertente”.

Esta qualidade rosiana – que Augusto de Campos aproximou, com toda razão, da “engenharia” poética de Cabral e da “pena [escrita] justa” de Rilke – fica particularmente evidente quando a compararmos com a ficção pós 1968. Embora certos autores recentes tentem reeditar temas, imagens e estilos rosianos (o diálogo infinito da busca de identidade, medo, amor e tempo irrecuperáveis), destaca-se o caráter pré-programado (por agentes, editoras e head-hunters) que se volta mais para demandas e expectativas do público do que para a dramaticidade imanente das coisas.

**Palavras chave:** Guimarães Rosa, estética rosiana, trágico, *Sachlichkeit* e lirismo “desegoizado”, *Magma*, literatura alemã

**Maria Aparecida Andrade Salgueiro (Universidade do Estado Rio de Janeiro, FAPERJ)**

### **Mediando Culturas: Tradução Intercultural e Afro-descendência no Brasil**

Partindo da proposta da Seção de retomar, sob nova perspectiva, problemáticas abordadas em Viena, em 2011, nosso trabalho segue trajetória semelhante e também avança em pontos discutidos naquele momento. O enorme fluxo de informações nas

---

sociedades contemporâneas tem deixado claros os inúmeros conflitos e situações de impacto estampados na mídia cotidiana, com a reorganização de tensões globais em microcosmos locais constantemente apontadas. Em tal contexto, contatos entre culturas tornam-se mais estreitos, distâncias são supostamente diminuídas, facilitando fluxos migratórios, impulsionados pelas novas redes virtuais de comunicação. Dentro das paisagens culturais do presente, marcadas por contradições e conflitos, faz-se urgente a presença incisiva das reflexões oriundas do campo das Humanidades e, em especial, a produção de novos saberes comparatistas para pensar questões que dêem conta da mediação de línguas e culturas colocadas em contato de formas tantas vezes imediatistas e, involuntárias, em conflito com poderes hegemônicos, gerando exílios também involuntários. Seria tudo tão simples assim, ou estaríamos diante de um dos pontos críticos da contemporaneidade, diante dos quais se impõem métodos inovadores de abordagem teórica que traduzam adequadamente tais processos transculturais? Métodos que examinem as relações entre língua(s)/cultura(s) e poder ao longo das fronteiras culturais e revelem o papel vital da tradução na redefinição dos significados de cultura e identidade étnica?

Em nosso campo de pesquisa específico, temos nos dedicado há anos ao estudo dos processos migratórios e de exílio involuntário dos povos africanos e afro-descendentes nas Américas, pelos processos de escravidão gerados pelo Colonialismo na História do Ocidente. Nesta apresentação, pelo próprio tema do Congresso, centraremos-nos no Afro-Brasil, refletindo sobre essa realidade e sobre como vem sendo 'traduzi-la' para outros espaços geográficos. Como tem se manifestado as culturas afro-descendentes na Literatura no Brasil? Até que ponto foram abandonadas língua e culturas das terras natais? Citando Gentzler (2008), reafirmamos que a História da Tradução nas Américas, e aí reforçamos, no Brasil, é na verdade a história da formação da identidade - para sobreviver os que aqui chegavam eram obrigados a 'aceitar' até certo ponto a língua /cultura do colonizador. E, prosseguimos: Como tem sido 'traduzir' a experiência 'afro-brasileira' para o exterior? Temos buscado analisar como a negritude - ou 'o ser negro' - se traduz em diferentes contextos e espaços geográficos. A observação clara de que tais questões são bem mais amplas e profundas do que parecem leva-nos ao levantamento de novos pontos e a um interessante mapeamento relativo aos Estudos de Tradução, os Afro-descendentes e a construção de identidades em diferentes espaços geopolíticos, entre as quais: Como certos textos se tornam fundamentais para a compreensão cultural a partir das fronteiras lingüísticas? Qual o papel desenvolvido pela tradução nos processos de construção identitária colonial e pós-colonial? Estamos conscientes do viés político de tais ações tradutórias? De que forma pode a grande área das Humanidades contribuir para o avanço de tais questões?

**Palavras chave:** Tradução Intercultural - Migrações - Afro-Brasil

**Mônica Maria G. Savedra (Universidade Federal Fluminense/FAPERJ)**  
**Marina Dupré Lobato (Universidade Federal Fluminense/ PIBIC-CNPq)**

### **Elementos linguísticos e (inter) culturais da interação Tempo, Modo e Aspecto em estudos de tradução alemão-português.**

O presente trabalho pretende refletir sobre a interação Tempo, Modo e Aspecto no campo dos estudos contrastivos em Língua Portuguesa (LP) e Língua Alemã (LA) na área da tradutologia. Recorremos aqui aos estudos desenvolvidos sobre Gramática e Cultura contrastivas (*Kontrastive Grammatik; Kulturkontrastive*) como apresentado por Göetz, Müller-Liu, Traoré (2009) e tratados por Savedra (2009), onde é defendido que o uso funcional das línguas é analisado com base em atitudes, valores e crenças, em estreita relação entre língua, cultura e identidade. Dentro desta perspectiva, selecionamos analisar a interação Tempo - Modo - Aspecto nas traduções em LA como língua de partida e em LPB Delimitamos a análise ao uso do aspecto durativo/imperfectivo, no par de línguas selecionado.

Utilizamos uma metodologia de investigação de base descritiva, apoiada em dados empíricos (obras literárias) e na bibliografia especializada da área. O *corpus* da pesquisa é constituído por textos literários contemporâneos, de carácter narrativo, escrito em LA e sua respectiva tradução em LPB. Inicialmente selecionamos o romance *Atemschaukel* de Herta Müller (2009) e a tradução, *Tudo o que tenho levado comigo* de Carola Saavedra (2011).

Para nortear a análise proposta, buscamos subsídios teóricos nas gramáticas normativas e descritivas em LPB e em LA; nos estudos sobre a categoria de tempo, modo e aspecto e nos estudos contrastivos do alemão e do português.

Com base em uma tabela elaborada para a classificação das FVs, realizamos a identificação das FVs em trechos das obras literárias selecionadas e discutimos a categoria de aspecto e de modos de ação que a mesmas representam.

Durante a análise do *corpus*, encontramos dados significativos em relação ao uso do Gerúndio em LPB para traduzir diferentes FVs da LA, como o *Präsens, Perfekt* e *Präteritum*. Analisamos tais ocorrências com base no referencial teórico selecionado para o estudo. Finalmente, sugerimos discutir a relação Gramática-Cultura Contrastiva, com base no trabalho de Traoré (2009), onde a autora afirma que as investigações na área dos estudos linguísticos desenvolvidos nas últimas décadas, retomam a concepção de Wilhelm von Humboldt sobre a linguagem (*Humboldts Sprachauffassung*), ou seja, o processo de globalização e a (re) descoberta do patrimônio cultural nos estudos linguísticos, retomam, sem dúvida a relação língua-cultura na análise dos usos funcionais em diferentes línguas.

Neste sentido, sugerimos considerar para a análise dos trechos em LA e em LPB, em especial para o uso aspectual do Gerúndio em LPB, a questão *Sprache als Weltansicht* (língua como visão de mundo) como preconizada por Humboldt, a partir do domínio linguístico das escritoras selecionadas: Uma imigrante romena que escreve o original em LA (Helga Müller) e uma hipanofalante que traduz em LPB (Carola Saavedra). E, neste sentido, adicionar a discussão dos estudos desenvolvidos por Clyne (1980) sobre os aspectos culturais do uso linguístico em estudos de bilinguismo e tradução.

Palavras-chave: análise de traduções - gramática e cultura contrastivas - bilinguismo

---

### **Ingrid Schwamborn (Bonn/Fortaleza)**

#### **Problemas de tradução e multilinguagem do romance histórico de Ana Miranda, *Desmundo*, 1996, e do filme *Desmundo*, 2003 de Alain Fresnot**

Das Buch und der gleichnamige Film *Desmundo* sind heute unzertrennbar. In den vergangenen zehn Jahren seit seiner Einführung im Jahr 2003 ist Alain Fresnots Meisterwerk zu einem Kultfilm geworden, vor allem an brasilianischen Universitäten. Im Internet kann man ihn jetzt mit englischen Untertiteln sehen, die Fassung mit deutschen Untertiteln wurde 2007 von ARTE gesendet, allerdings mit dem kuriosen Titel „Zur Ehe verraten“. Aufgrund der historisch verbürgten Bitte des Jesuitenpaters Nobrega wurden portugiesische Waisenmädchen nach Brasilien geschickt, um weiße Siedler zu heiraten, die sonst zu verrohen (Inzest) und zu verbuschen drohten (Mischlingskinder). Ana Miranda erzählt die Geschichte der Oribela aus der Perspektive dieses Waisenmädchens auf höchst kunstvolle Art, in einem sehr persönlich-historischen Stil, auf „Portugiesisch“, nur im Gespräch Oribelas mit einer Indiofrau werden „indianische“ Wörter und Ausdrücke eingeführt und von dieser sogleich ins Portugiesische übersetzt. Jedoch im Film, der selbst eine Übersetzung in ein anderes Medium ist, müssen die Personen sprechen, und da die Geschichte um 1570 in Salvador handeln soll (im Roman 1555, Rückkehr des Bischofs Saldanha aus Salvador nach Lissabon), wird „archaisches Portugiesisch“ abwechselnd mit tupi-guarani, dazu kurz sefardisches Jiddisch und „nagô“, die afrikanische Sprache des Sklaven, gesprochen. In der Version mit den deutschen Untertiteln werden diese Facetten des kolonialen Brasiliens eingegeben, die Originalversion ist ohne oder mit modernen „brasilianischen“ Untertiteln erhältlich. Das Verständnis des Romans *Desmundo* und seine Übersetzung in eine andere Sprache erfordert eine breite Kenntnis der portugiesischen Sprache und ihrer Geschichte, ein Anspruch, der so hoch ist, dass sich bisher noch niemand an eine Übersetzung gewagt hat. In Fortaleza wird eine portugiesisch-deutsche Ausgabe vorbereitet. *Desmundo* („Unwelt“) - eine der Wortschöpfungen von Ana Miranda, die 1989 durch „*Boca do Inferno*“ (dt. „Höllensmaul“, 1992) bekannt wurde und seitdem zahlreiche biographische und historische Romane veröffentlicht hat.

*Desmundo*, o livro e o filme, hoje em dia são inseparáveis. Nos dez anos passados desde o lançamento, em 2003, a obra-prima de Alain Fresnot se tornou um filme cult, sobretudo nas universidades brasileiras. Na internet agora pode se ver uma versão com legendas em inglês, a versão com legendas em alemão foi lançada em 2007 pelo canal franco-alemão ARTE, porém com o título curioso “Traída para o casamento”. Por causa do pedido do padre jesuíta Nobrega, comprovado historicamente, foram enviadas órfãs portuguesas, para casar com colonos brancos, que de outra maneira iam se degenerar (incesto) ou só gerar filhos mestiços com as “selvagens”. Ana Miranda conta a história de Oribela na perspectiva dessa órfã de uma maneira altamente artística, em um estilo histórico-pessoal, em “português”, apenas na conversa com uma índia são introduzidas expressões “indígenas”, por ela logo traduzidas em português. Porém no filme, ele mesmo uma tradução de uma mídia para outra, as pessoas tem que falar, e como a história se desenrola em 1570 (no romance em 1555, ano da volta do bispo Saldanha de Salvador

para Lisboa), se fala “português arcaico” alternando com tupi-guarani (ou “tupi antigo”), e brevemente a língua sefárdica do “marrano”, junto com a língua “nagô” do escravo africano. Na versão com as legendas em alemão estas facetas da vida colonial no Brasil estão sendo niveladas. Para entender e traduzir este romance precisa se ter adquirido um conhecimento abrangente da língua portuguesa e da sua história, uma tarefa tão exigente que até agora ninguém teve a coragem de a empreender. Em Fortaleza está sendo preparada uma edição bilíngue português-alemã. *Desmundo* – uma das criações de Ana Miranda, que estreou em 1989 com o romance *Boca do Inferno*, publicou vários romances com temas históricos e biográficos.

### **Sabrina Sedlmayer (Universidade Federal de Minas Gerais)**

#### **Peripécias, viagens, conhecimento: versões em português de Ítaca**

A proposta deste trabalho é cotejar as traduções dos poemas de K. Kaváfis realizadas pelo escritor português Jorge de Sena com as versões dos brasileiros José Paulo Paes, Haroldo de Campos e Ísis Borges da Fonseca. O poema “Ítaca”, será, aqui, tomado como **exemplo** para discutir um tipo particular de origem que escapa à relação antinômica entre nacional e estrangeiro, universal e particular, continuidade e descontinuidade, enraizamento e nomadismo, pertencimento e errância.

Em um dos primeiros livros publicados, intitulado *Peregrinatio ad loca infecta*, Sena buscou o termo *infectus* que, em latim, significa “inacabado”, “não atingido”, “infectível”, “impossível”, justamente para demonstrar como o estado de exílio é complexo: “estado de que nem mesmo um regresso nos salva e recupera” (Sena, 1988, p. 76)

Para muitos críticos, a obra de Sena é o “resultado de uma cristalização das viagens e do exílio do poeta” como também “experiência e autobiografia” (Jackson, 2002, p. 180), já que o escritor, em permanente errância, após o salazarismo, colecionou “nacionalidades como camisas se despem” (Sena, 1989, p. 75).

No célebre poema “Em Creta com o Minotauro”, um diálogo afinado com “Ítaca” se realiza. Há uma atualização de temas épicos, homéricos e camonianos. O Minotauro, na assimetria da língua, da cor, da raça, dos índices de pertencimento, é quem comunga elementos “patrióticos” com o poeta português que desconhece a língua grega (a do Kaváfis).

Inúmeros poemas do escritor português trafegam, assim, entre o coloquial e o lírico numa dramatização disfarçada em relatos de viagem. Como bem notou David Jackson (2002, p. 180), *Peregrinatio ad loca infecta* é uma “dramatização – mítica, filosófica, retórica, metafórica – de uma profunda consciência poética que questiona a verdadeira natureza das nossas crenças e instituições, em cena de viagens peripatéticas, mas politicamente necessárias, ao poeta”.

Se em grego exemplo se diz “*para-deígma*”, o que se mostra ao lado, lança-se a hipótese, neste texto, que este conceito é capaz de iluminar as relações entre autor e tradutor, obra e versão, sendo tomado como um operador de leitura capaz de ampliar *Odisseia*, através da disseminação de uma visão moderna e desencantada da origem.

Palavras-chave: Jorge de Sena; tradução; origem

---

### **Márcio Seligmann-Silva (Universidade Estadual de Campinas)**

#### **Poema pós-histórico: poesia como exercício de tradução e encontro entre línguas e linguagens. O caso das Galáxias de Haroldo de Campos**

O trabalho propõe uma leitura do poema “espacial” Galáxias (1984) de Haroldo de Campos do ponto de vista de sua proposta transcultural, de encontro de línguas e de linguagens. O poema se apresenta ambigualmente, já no seu início, como uma “viagem” e, ao mesmo tempo, como uma “superação” da noção mesma de viagem e de deslocamento: “e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso/ e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa/ não é a viagem mas o começo...”. O poema é uma viagem literária, por culturas e espaços, mas também é um poema pós nostálgico, avesso da “Canção do exílio”, comemoração do perder-se na viagem: exílio do próprio, comemoração do êxtase, do ex-sistir, viver para fora, em processo de diferenciação. A galáxia literária é assim recolocada por esse poema de Campos como um grande poema em processos de expansão e contensão: sístole e diástole. Ou ainda, o poema se mostra como um “buraco negro”, condensação do espaço-tempo, que faz vergar a literatura e a própria noção de tradução, que precisa das diferenças para existir. Trata-se de uma epopeia da linguagem e da literatura, “livro como viagem e viagem como livro” (Haroldo de Campos), que é marcado pelo encontro do neobarroco, detectado na avalanche de palavras, línguas e fonemas, com uma escrita micrológica rigorosa, ainda marcadamente concretista. Essa epopeia livresca aponta para o poema pós-utópico, ou seja, para o esgotamento das grandes ideologias e sua substituição por um presente plural, polifacetado. Ao invés do projeto de construção desenvolvimentista do concretismo original, temos uma visão do presente como local de um encontro de culturas, línguas e gerações. A viagem se virtualiza e expande, é ponto nodal no presente, mas também abertura para uma memória total, pan-memória pós-histórica, um verdadeiro alef concretista.

**Palavras-chave:** *Galáxias* - Haroldo de Campos - transculturalidade - viagem - pós-história

### **Cornelia Sieber (Universität Mainz)**

#### **Zé do Rock und das ‚Klein-Werden‘ des Deutschen und Portugiesischen durch Reise, Migration und Übersetzung**

In seinem 1995 erschienenen autobiographischen Reisebericht *Fom winde verfeelt* setzt sich der in Porto Alegre geborene und in Brasilien aufgewachsene Autor Zé do Rock, der seit den 1980er Jahren in München lebt, mit der deutschen Sprache auseinander. Er kreierte sein „ultradoitsh“, indem er kapitelweise Vereinfachungsregeln für die Schriftsprache einführt, um sie der gesprochenen Sprache anzupassen. Dies führt er so weit, dass schließlich der Wortsinn nicht mehr über das Wiedererkennen des Schriftbildes sondern nur noch über den Klang der ausgesprochenen Buchstabenfolgen erschlossen werden kann. Zugleich zu der behaupteten systematischen und regelhaften ‚neuen Rechtschreibung‘ wird allerdings das gesprochene Deutsch und sein Schriftbild im Verlauf der beschriebenen Reisen in die verschiedensten Länder der Welt immer wieder

in Überlappung mit anderen Sprachen wie Türkisch und Afrikaans gebracht und auf diese Weise als spontan, absorptionsfähig und flexibel gezeigt. Durch das Migranten- und Reisemotiv wird die deutsche Sprache ‚intensiv‘ benutzt, amputiert und deterritorialisert im Sinne einer ‚kleinen Literatur‘, wie sie Deleuze und Guattari als Ausweg und Befreiung aus einer beengenden offiziellen, funktionalen, hyperkulturellen Staatssprache konzipieren.

Darauf aufbauend möchte ich mich mit der Übersetzung des Werkes durch den Autor aus dem ‚ultradoitsch‘ ins ‚brazileis‘ unter dem Titel *O eroi sem nem um agá* (1997) auseinandersetzen und den Überlappungen und klaffenden Zwischenräumen nachgehen, die im Sinne Flussers bei der Übersetzung entstehen und die einzelnen Sprachen als begrenzte Methoden der Systematisierung und Ordnung des Chaos sichtbar machen. Insbesondere soll nachvollzogen werden, wie sich ein ‚kleiner‘ Sprachgebrauch des Portugiesischen von einem ‚kleinen‘ Sprachgebrauch des Deutschen unterscheidet. Während das ‚ultradoitsch‘ auf die Entmachtung und Enteignung einer autoritären Sprache durch den Migranten zielt, kann das umgangssprachliche ‚brazileis‘ auch als Fortführung der ermächtigenden Aneignung des Portugiesischen durch die brasilianischen Sprecher gedeutet werden. Das Echo auf kulturelle Anthropophagie, malandragem und Werke des literarischen Kanons wie *Macunaíma. O Herói sem Nenhum Caráter* könnten *O eroi sem nem um agá* gar als „typisch brasilianisch“ erscheinen lassen. Dementsprechend soll untersucht werden, ob und wie sich die spezifischen Verfahren der ‚kleinen‘ Literatur mit ihren verstörenden und entfremdenden Effekten überhaupt ins Brasilianische übertragen lassen und wie Zé do Rock in dem Falle seine Sprachrebellion formuliert.

### **Detlev Schöttker (TU Dresden)**

#### **"Rio - Residenz des Weltgeistes". Ernst Jüngers Brasilien-Tagebuch von 1936 und seine Publikation 1947**

1936 unternahm Ernst Jünger eine knapp achtwöchige Schiffsreise nach Brasilien, die ihn vom Amazonas über Belém, Recife, Santos und Sao Paulo nach Rio de Janeiro und Bahia führte. Seine umfangreichen Reiseaufzeichnungen, die bis heute nicht veröffentlicht wurden, verarbeitete Jünger zu einem Buch, das 1947 unter dem Titel "Atlantische Fahrt" in einer Reihe für deutsche Kriegsgefangene in England erschienen ist. Es war das erste Buch Jüngers nach Ende des Zweiten Weltkriegs und erschien 1948/49 in zwei weiteren Ausgaben in der Schweiz und Deutschland.

Während andere Bücher, die Ende der dreißiger Jahre in Deutschland über Brasilien veröffentlicht wurden, den Amazonas und die Regenwälder in den Mittelpunkt stellten, interessierte sich Jünger nicht nur für die Natur, sondern auch für die brasilianische Moderne. Er sprach von "neuen Welten", die hier entstehen würden. Rio erklärte er sogar zur "Residenz des Weltgeistes" und erwog auf einer weiteren Reise "vielleicht ein Jahr" in der Stadt zu bleiben, wie es im hs. Tagebuch heißt. Zwar konnte Jünger den Plan wegen des Zweiten Weltkriegs nicht realisieren, wurde aber von einem Mitreisenden, mit dem er sich auf dem Schiff angefreundet hatte, über die Entwicklung in Rio informiert. Es handelt sich um den kommunistischen Emigranten Otto Storch aus Berlin, dessen Briefe in Jüngers Archiv erhalten geblieben sind. Sie werden im September in der Zeitschrift "Sinn und Form" veröffentlicht. Zusammen mit Jüngers "Atlantischer Fahrt" vermitteln diese Briefe ein Bild der brasilianischen Gesellschaft aus der Sicht von zwei Deutschen



unterschiedlicher politischer Herkunft und beruflicher Tätigkeit, das im frühen 20. Jahrhundert ohne Vergleich ist.

### **Sandra Tamele (DIPTRANS MCIL/ Moçambique)**

#### **Tradução em Moçambique: História, Contexto e Perspectivas**

Em Moçambique, a invisibilidade linguística, textual e social do tradutor e/ou intérprete são um facto inegável paradoxalmente ao facto de o contexto nacional - onde a grande diversidade linguística interna, a assumpção da Língua Portuguesa como língua oficial para estado, ensino e imprensa, aliadas à situação geográfica numa África Austral anglofóna - potencialmente propiciar o reconhecimento da importância dos profissionais que exercem a actividade tradutória.

Uma vez que o país não possui nenhuma Academia das Letras ou outro órgão regulador para a actividade de tradução, tal como uma associação e/ou instituto de profissionais da área, são com frequência levantadas questões éticas relativas, não só à qualidade do serviço do “tradutor” como ao perfil de quem está apto para desempenhar este papel.

Até a data, também não existe nenhum estudo histórico ou estatístico sobre a actividade tradutória em Moçambique - talvez resultante da forte tradição de oralidade, típica da cultura Banto - o que resulta numa lacuna significativa em termos de conhecimentos da situação do tradutor e/ou intérprete na era colonial, no período de transição pós-independência [onde terá desempenhado um importante papel na ideologia da “Unidade Nacional”] e na actualidade; no reconhecimento dos pioneiros e profissionais de destaque nas diferentes áreas de actuação do tradutor e/ou intérprete; além de se desconhecer o número e o perfil de quem exerce esta profissão.

O presente documento propõe-se a gizar um panorama do passado, presente e futuro da actividade tradutória em Moçambique, primariamente com base em consulta de fontes primárias e em entrevistas estruturadas a linguistas e a tradutores e/ou intérpretes de renome e ou vasta experiência em campos como a tradução bíblica para as línguas Banto e a tradução técnica, passando pelo levantamento do perfil de quem exerce a actividade e abordando questões actuais como o Acordo Ortográfico, o impacto das redes sociais e o papel do tradutor e/ou intérprete no surgimento de uma variante linguística Moçambicana.

Palavras-chave: história - estado da tradução - Moçambique -

### **Karin Volobuef (UNESP/Araraquara)**

#### **Unverhofftes Wiedersehen einer Übersetzung**

Eine raffinierte Übersetzung ist Gold wert. Doch nicht immer haben Verleger die bei ihnen tätigen Übersetzer geschätzt und als raffiniert angesehen... Mein Kurzreferat befasst sich erneut mit einem Thema, das ich vor einigen Jahren behandelte, als ich E. T. A. Hoffmanns *Fräulein von Scuderi* (1820) mit Justiniano José da Rochas *Os assassinos misteriosos ou A paixão dos diamantes* [*Die geheimnisvollen Mörder oder Die Leidenschaft der Diamanten*] (1839) verglich und daraus schloss, dass es sich um dieselbe Erzählung, wenn auch übersetzt und gekürzt, handelte. Der Vergleich mit einer

französischen Unterlage, die ohne Verfasserangabe im Jahr 1823 erschien (*Olivier Brusson*, in deren Vorwort sich Hyacinthe Latouche lediglich als Übersetzer erklärt), brachte mir neue Hinweise auf die Umwege, auf denen Hoffmanns Erzählung nach einer anfänglichen Wanderung durch Frankreich schliesslich in Brasilien anlangte. Diese Unterlage erweist sich als besonders unerwartet, da erst ab 1830 Loève-Weimars Übersetzung sämtlicher Werke Hoffmanns in Paris von dem Verleger Randuel veröffentlicht wurde. Meine Arbeit bemüht sich darum, kulturelle Eigenarten in Frankreich und Brasilien zu Hilfe zu rufen, um das unverhoffte Wiedersehen einer Erzählung zu diskutieren, die im Ausland ein Interesse erweckte, mit dem sie in Deutschland, wenigstens direkt nach Hoffmanns Tod, nicht geehrt wurde und die sich als so vielschicht entpuppt, dass sie übersetzt aber auch dermassen versetzt wurde, dass ihre Verfasserschaft vervielfachte.

**Stichwörter:** Übersetzung - Verfasser - Original - E. T. A. Hoffmann - *Fräulein von Scuderi*